

## NOTAS SOBRE "ENTRE O ÍDOLO E O IDEAL", DE MASUD KHAN

Suzana Alves Viana\*

Denise Vieira Lee\*\*

\* Psicanalista e  
professora do  
Departamento  
Formação em  
Psicanálise.

\*\* Psicanalista,  
membro do  
Departamento  
Formação em  
Psicanálise.



leitura do artigo "Entre o Ídolo e o Ideal" remeteu-nos inicialmente a duas impressões que podem ser traduzidas em: liberdade de pensamento e raciocínio clínico.

Masud Khan é um analista marcante. Pode-se discordar do seu estilo, pode-se pensar que sua "pessoalidade" é excessiva, mas a uma observação mais profunda é impossível negar que sua radicalidade está a serviço da clínica.

Na introdução de seu livro "*Quando a Primavera Chegar*", em uma referência direta à santíssima trindade e aos três livros das religiões monoteístas, que relatam os primórdios da vida humana (o Antigo Testamento, a Bíblia e o sagrado Alcorão), ele se refere a uma outra trindade, especialmente intrigante: transgressão, assassinato e sexo. Um pouco mais à frente encontramos uma outra passagem onde nos diz: "Neste livro, estou mais interessado em expor meu papel frente a um determinado paciente, e minha própria experiência do relacionamento clínico, do que em qualquer um dos relatos de casos anteriores."

Diríamos que para se lidar com essa trindade é impossível a concessão. Sob as mais variadas formas, o analista é convidado a conceder, seja pela palavra adjetivada, quando o chamam de radical,

seja pelo ato concreto da expulsão, como parece ter acontecido a ele na sociedade Britânica de Psicanálise, fato, ao que parece, relacionado à publicação deste livro.

A trajetória de Masud Khan evidencia que a liberdade do pensamento, fruto de uma profunda responsabilidade pelo mesmo, foi construída no trabalho de uma vida. Tendo nascido na parte imperial Britânica da Índia (atualmente Paquistão), chega à Inglaterra com 24 anos para completar sua formação. Seu interesse voltava-se naquele momento para literatura inglesa, embora também se dirigisse a seguir para o pensamento francês, seduzido pela elegância das formas, pelo trabalho com as idéias e pelo poder de síntese.

No desenrolar de seu trabalho como psicanalista, sofre uma influência profunda de Winnicott, que, diríamos, constitutiva do analista Khan. Seu gosto pelo “além das fronteiras” exige outras línguas para continuar pensando continuamente o psíquico. A França é novamente escolhida e lá faz bons parceiros, como J.-B Pontalis e André Green.

O artigo de Khan “Entre o ídolo e o Ideal” causa-nos de pronto a impressão de que estamos diante do trabalho de um clínico, ou seja, estamos diante do trabalho de um analista que observa, que não enquadra esta observação em conceitos, definições ou mesmo teorias já conhecidas, mas que busca para seu paciente uma nova metapsicologia.

Isso não significa ignorância ou prepotência com o já existente, mas sim, a meu ver, a possibilidade de usar o já existente, segundo diferentes vértices, permitindo então um olhar com capacidade para surpreender-se.

Um outro aspecto que nos chama atenção é uma certa despreocupação com a necessidade de ter a explicação completada. Sendo ou não intencional, há passagens obscuras e mesmo incompletas, perante as quais o leitor é convidado a prosseguir sozinho.

Aqui iniciamos este trabalho, — o de deixarmos-nos trabalhar pelo pensamento de M. Khan. Ele instigou-nos pelo fato de parecer-nos que, neste artigo, Khan está nos propondo uma metapsicologia para a perversão dentro de um contexto em que a polaridade ídolo e ideal vem a ser as referências.

Khan nos diz: “*Utilizo propositadamente a palavra ‘idolização’ e não idealização, pois os dois processos são a meus olhos distintos. A idealização é*

*um processo intrapsíquico; ela é muito influenciada pela fantasia. A idolização, ao contrário, é um sobreinvestimento de um objeto exterior real: ela se apóia sobre as atitudes e funções do eu (moi) que englobam os investimentos do isso(ça) e os intensificam para pô-los a seu serviço. Ela acarreta, pois, uma exploração mental dos componentes instintuais e dos processos primitivos em relação a um objeto exterior, no caso a criança* " (id, ibid, p.2).

Fazer do bebê um objeto ideal e fazer do bebê um objeto ídolo, este fazer conduzindo a um movimento para o "interior", no primeiro caso e, no segundo caso, a um "exterior". Essas direções caracterizam de um lado o sonho e de outro a ação mental; a rêverie, a fantasia e a maquinação, um aparelho psíquico que se esgota, confluindo na mentalização todo e qualquer produto psíquico. Nesse último caso, o bebê é um fetiche da mãe, alvo de um hiperinvestimento afetivo, mas que, no entanto, é pobre de subjetividade. Isso significa que esta mãe cuida de seu bebê, o amamenta, troca, banha, como quem cuida muito eficientemente de algo e não de alguém. Há um hiperealismo nessa forma de cuidado, onde todo aspecto subjetivo, sonhado, está ausente dessa relação.

Em seus artigos clínicos (1991), Khan fala dessa maternagem superprotetora como uma forma de "privação cumulativa", advinda do cuidado excessivo e vazio. Khan nos mostra-nos através desses casos, esta mãe, que não sendo capaz de antecipar e significar afetivamente os gestos de seu filho, não consegue, também, responder às tendências reparadoras desta criança, provocando um desequilíbrio na diferenciação eu-id que se está operando. A tendência reparadora, então, passa a ser usada apenas com fins defensivos.

Esse aparelho psíquico captura as pulsões e as subjugua aos imperativos das funções do ego, retirando delas sua potencialidade sublimatória e entregando-as ao puro exercício da função defensiva. O caminho que leva ao sonho e à metáfora está impedido; é substituído por um sobreinvestimento do mental no real.

É possível que isso justifique a forma extremamente ritualizada que a sexualidade do perverso assume, no qual podemos observar antes uma sexualidade maquinada, mental, do que uma experiência de afeto compartilhada. Da mesma forma como o corpo da criança foi também explorado pela mãe de forma mecânica e programada, a gratificação sexual torna-se, nesse quadro, uma experiência de para-excitação (*par-de-excitation*) dirigida contra os estados de angústia.

Esse modo de operar do psiquismo remete-nos a um conceito de Pontalis(1993) chamado mentalização, que consideramos esclarecer o que Khan nos apresenta, porque vem trabalhado dentro de um artigo em que Pontalis aborda a ação de um psiquismo sobre o de outro, no caso, o do analista.

“(…): a mentalização (...) onde vejo o processo inverso e simétrico da conversão, supondo com ela uma espécie de dissociação entre o corpo e as representações, mas, aqui, era tudo o que se emana da pulsão que se achava assim projetado, evacuado no palco mental e submetido à um trabalho minucioso de divisão, de descolamento, a um processo sem fim de ligação.”(p. 40)

Quando Khan se refere à sexualidade destes pacientes, neste artigo diz: “Ainda não encontrei perversos que sejam impelidos para um objeto de gratificação, através de uma pressão instintiva. Tudo é maquinado a partir da cabeça: as funções e os aparelhos instintuais são de fato explorados com obstinação a serviço de uma sexualidade programada”. (p. 69)

Pontalis chamou esses pacientes de “insones diurnos”, e supôs que neles a atividade onírica era desviada de seu propósito primeiro; ali o sonho era sonhado para ser relatado e o relato denunciava que toda fala terminava por ser uma atividade compulsiva de substituição.

Nos pacientes de Khan, a sexualidade também parece estar a outro serviço.

Seguindo o autor no presente artigo, deparamo-nos com duas observações:

“Um traço do objeto sexual escolhido nunca faltava: era sua aptidão para tomar o lugar de um objeto transicional ‘como se’ (p.68)”  
 “... a gratificação, obtida pela descarga sexual, atuava como uma experiência-tela dirigida contra os estados de angústia e tanto os aparelhos como os instintos sexuais eram essencialmente usados com fins reparadores. (p.68)”

Sabemos do texto que Masud Khan vai encontrar nessas características a reatualização da mesma cena – a repetição da idolização da criança pela mãe. Elas testemunham a interiorização do objeto idolizado e sacralizado no qual a criança se tornara, ao mesmo tempo que explicam a procura infindável de um “outro” que as faça reexperimentar o sentimento de serem especiais.

Procura infindável, porque todo encontro possível traz implícito nele a necessidade da separação; porque ceder a esse modelo de



cuidado e dependência mágicos significa o aniquilamento de todas as possibilidades de descobrir em si mesmas o próprio potencial de iniciativa e agressividade (Khan, 1972). Esse é o paradoxo em que vivem tais pacientes.

Khan (id., ibid.) procura nos mostrar que a questão do analista é ajudar o paciente a tolerar o paradoxo sem resolvê-lo precipitadamente.

Nesses casos, é importante fornecer um "holding", que preencha "um original mau" pois, para esses pacientes, não é o positivo que falta, mas sim a "falta" existente no cuidado ambiental, a fim de poder permitir o desespero, o aborrecimento, a confusão, a raiva e a agressão no bebê, através da antecipação superprotetora das suas necessidades. A pessoa que se encarrega do "care" exclui da relação com o bebê toda reciprocidade e toda mutualidade que permitiriam a emergência das demandas agressivas e libidinais próprias; nesse caso, só ela sabe o que ele precisa.

O que falta é a falta. Falta cujo vazio é um limite, que constitui um espaço reexperimentado a seguir como contenção: o espaço do mau.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Green, A. "O outro e a experiência de 'self'". In: Khan, M. *Psicanálise: Teoria, Técnica e Casos Clínicos*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1984, p. 1-18.

Khan, M. "Entre L' Idole et L' Ideal", in *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, nº 13, 1976.

\_\_\_\_\_. (1972). "Medo de ceder à dependência irremediável na situação analítica". In: *Psicanálise: Teoria, Técnica e Casos Clínicos*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1984, p. 327-337.

\_\_\_\_\_. *Quando a Primavera Chegar*. São Paulo, Escuta, 1991.

Pontalis, J. B. "A partir da contratransferência: o morto e o vivo entrelaçados". In: *Boletim de Novidades Pulsional*, 1993, p. 6-56.